

O Homem da Força

SHIRLEY JACKSON

O Homem da Força

TRADUÇÃO
Débora Landsberg

ALFAGUARA


Copyright © 1951 by Shirley Jackson

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Hangsaman

Capa

Elisa von Randow

Imagem de capa

Atalanta, de Will Barnet, 1975. Óleo sobre tela, 76,2 × 59 cm. © Herdeiros de Will Barnet/ AUTVIS, Brasil, 2021

Reprodução: © Will Barnet Foundation, cortesia de Alexandre Gallery, Nova York

Preparação

Fernanda Mello

Revisão

Camila Saraiva

Thiago Passos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jackson, Shirley, 1916-1965

O Homem da Força / Shirley Jackson ; tradução
Débora Landsberg. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Alfa-
guara, 2021.

Título original: Hangsaman

ISBN: 978-85-5652-125-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

21-66757

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editora.alfaguara

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

*Afrouxe a corda, Homem da Força,
Ah, afrouxe um pouquinho,
Acho que vejo meu verdadeiro amor chegando,
Mas é bem longo o caminho*

O sr. Arnold Waite — marido, pai, homem de palavra — sempre se recostava na cadeira depois da segunda xícara de café da manhã e olhava com certa incredulidade para a esposa e os dois filhos. Sua cadeira era posicionada de modo que, quando colocava a cabeça para trás, a luz do sol, de inverno ou verão, tocasse seu imaculado cabelo com um ar ao mesmo tempo angelical e indiferente — indiferente porque, assim como ele, não considerava a fé um fator essencial à continuidade de sua existência. Quando o sr. Waite virou a cabeça para olhar a esposa e os filhos, o sol se movimentou com ele, fragmentado em padrões sobre a mesa e o chão.

“Seu Deus”, costumava dizer à sra. Waite, no outro lado da mesa, “achou que convinha nos dar um dia glorioso.” Ou, “Seu Deus achou que convinha nos dar chuva”, ou “neve”, ou “achou que nos convinha receber a visita de um temporal”. O ritual surgiu de um comentário imprudente feito pela sra. Waite quando a filha tinha três anos; a pequena Natalie perguntara à mãe o que era Deus, e a sra. Waite respondera que Deus tinha feito o mundo, as pessoas que estavam nele e o clima; o sr. Waite não era propenso a deixar que tais comentários fossem esquecidos.

“Deus”, o sr. Waite disse naquela manhã, e riu. “*Eu* sou Deus”, acrescentou.

Natalie Waite, que tinha dezessete anos mas sentia que só se tornara realmente consciente a partir dos quinze, vivia em um canto esquisito de um mundo de sons e visões para além das vozes cotidianas do pai e da mãe e de seus atos incompreensíveis. Nos últimos dois anos — aliás, desde quando em uma manhã clara ela se virou abruptamente e viu pelo canto do olho uma pessoa chamada Natalie, existente, registrada, inescapavelmente situada em um ponto do chão, agraciada por sentidos e pés e um suéter bem vermelho, obscuramente

viva — vivera bastante sozinha, sem permitir nem mesmo que o pai acessasse os recônditos de sua mente. Visitava países estranhos, e as vozes de seus habitantes estavam sempre em seus ouvidos; quando o pai falava, era acompanhado pelo som de uma risada distante, que provavelmente ninguém mais ouvia além de sua filha.

“Bem”, o sr. Waite comentava, depois de se colocar no lugar de Deus por mais um dia, “só faltam vinte e um dias para que a Natalie nos deixe.” Às vezes era “só faltam catorze dias para que o Bud vá embora outra vez”. Natalie partiria para seu primeiro ano de faculdade uma semana depois que o irmão voltasse para o colégio; às vezes vinte e um dias se dissolviam em três semanas, e pareciam intermináveis; às vezes pareciam uma questão de minutos escapando tão rápido que ela jamais teria tempo de encarar a faculdade com a reflexão adequada, de formar uma personalidade viável para levar consigo. Natalie tinha um medo aterrador de ir para a faculdade, mesmo a que o pai escolhera para ela, a apenas cinquenta quilômetros. Tinha dois consolos: primeiro, a convicção advinda de sua experiência anterior de que qualquer lugar se torna um lar depois de um tempo, e assim poderia tomar como certa a probabilidade lógica de que após um mês, mais ou menos, a faculdade lhe seria familiar e sua casa um pouco estranha. O segundo consolo era o pensamento recorrente de que poderia desistir da faculdade a qualquer momento, caso decidisse, e simplesmente ficar em casa com a mãe e o pai; essa perspectiva era tão horrível que Natalie se pegava, quando pensava nela com afinco, quase saboreando o medo de ir embora.

Assim, às nove e meia de uma manhã de domingo, os Waite haviam tomado juntos o café da manhã. O sr. Waite era complacente ao toque da luz do sol na cabeça; Bud, remexendo-se na cadeira, suspirava com a profunda resignação de um garoto de quinze anos que voltaria ao colégio em catorze dias; a sra. Waite, com um olhar intenso para a xícara de café, falava com a entonação suave, um pouco melancólica, que reservava ao marido. “Azeitonas para o coquetel”, ela disse. Era como se tivesse a intenção de provocá-lo, pois o sr. Waite a fitou por um instante e depois disse, enfático, “Você está querendo dizer que eu vou ter que preparar coquetéis para aquela gente toda? Coquetéis para vinte pessoas? Coquetéis?”.

“Não ficaria muito bem você *sugerir* que tomassem chá”, declarou a sra. Waite. “Não a *elas*.”

Natalie, fascinada, escutava a voz secreta que a seguia. Era o detetive, e ele falava com rispidez, incisivo, em meio à movimentação delicada da voz de sua mãe. “Como”, ele interrogou, enfático, “srta. Waite, *como* você explica o lapso de tempo entre a sua visita ao roseiral e a descoberta do corpo?”

“Não sei dizer”, Natalie lhe respondeu em sua mente, os lábios inertes, os olhos abaixados escondendo da família o terror que também escondia do detetive. “Eu me recuso a dizer”, declarou.

O sr. Waite falava em tom paciente. “Você serve os coquetéis”, ele disse, “você vive preparando coquetéis. Tendo copos altos, cada um faz o seu. É o que vão fazer mesmo”, acrescentou, reforçando o argumento.

“Não fui *eu* quem os convidou”, disse a sra. Waite.

“Não fui *eu* quem os convidou”, disse o sr. Waite.

“Fui eu que liguei pra eles”, a sra. Waite disse, “mas foi você quem fez a lista.”

“Você entende”, o detetive disse silenciosamente, “que essa discrepância temporal pode ter consequências seríssimas para você?”

“Entendo”, Natalie respondeu. Confessar, ela ponderou, se eu confessar talvez eu fique livre.

O sr. Waite mudou de ideia outra vez; a essa altura ele e a esposa se conheciam bem o bastante para substituir desavenças apáticas por uma relação conjugal mais desgastante, e uma discussão inconsequente, constante, em que os dois tomavam o lado que fosse, era para eles de uma familiaridade tão afável quanto a compaixão enfadonha de um lar vitoriano. “Meu Deus”, disse o sr. Waite, “quem dera eles não viessem.”

“Posso cancelar”, a esposa propôs, como sempre fazia.

“Eu poderia trabalhar um pouco, para variar”, disse o sr. Waite. Olhou ao redor, para a esposa que contemplava a xícara de café, para Natalie que fitava o prato, para Bud que pela janela provavelmente mirava um sonho adolescente arrebatador. “Ninguém mais *olha* para ninguém nesta casa”, o sr. Waite constatou com irritação. “Você consegue entender que meu trabalho está duas semanas atrasado?”, ele

reclamou com a esposa. Enumerou com os dedos. “Tenho que resenhar quatro livros até segunda-feira; quatro livros que *ninguém* nesta casa leu além de mim. Tem também o artigo sobre Robin Hood — que eu devia ter terminado três dias atrás. E as minhas leituras, e o jornal de hoje, e o de ontem. Para não falar”, o sr. Waite acrescentou com seriedade, “para não falar do livro.”

À menção do livro, a família lhe lançou um breve olhar, ao mesmo tempo, e o desviou, voltando-se aos pratos e xícaras menos enfurecidos em cima da mesa.

“Gostaria de poder te ajudar, querido”, a sra. Waite disse de um jeito superficial.

“Você tem ciência”, o detetive perguntou com sarcasmo a Natalie, “de que está retardando o andamento dessa investigação com seu silêncio teimoso?”

“Escuta”, Bud disse de repente, “*eu* não preciso estar nesse negócio, né?”

O pai franziu a testa e soltou uma risada grosseira. “O que você pretende fazer em vez disso?”, perguntou; se havia um traço trovejante em sua voz, a família o ignorou por conta da familiaridade de longa data.

“Alguma coisa”, Bud declarou com insolência. “Qualquer coisa.”

O sr. Waite olhou para a esposa do outro lado da mesa. “Esse meu filho”, ele explicou minuciosamente, “tem tamanha aversão pela vida literária que prefere fazer ‘alguma coisa — qualquer coisa’ a comparecer a um coquetel literário.” Um epigrama obviamente lhe ocorreu e ele o testou com cautela. “Um coquetel literário tem poucos encantos para quem”, ele começou devagar, procurando um caminho, “é ao mesmo tempo muito inculto para a literatura e muito jovem para a bebida.”

A família ponderou; a sra. Waite fez que não com a cabeça.

“A adolescência é uma época em que...”, ela sugeriu por fim, e o sr. Waite aceitou: “Em que a pessoa é muito inculta para a literatura e muito jovem para a bebida”.

“Muito velha para a literatura?”, Natalie perguntou.

Bud riu. “Muito esperta para chegar perto”, soltou.

Todos riram, e o súbito ato familiar foi tão agradável que imediatamente tomaram medidas para se afastarem. O sr. Waite foi o

primeiro a sair; ainda aos risos, enfiou o guardanapo na argola formada por duas cobras, obscena e curiosamente entrelaçadas (“nada com que uma pessoa deva se sentar à mesa”, a sra. Waite costumava dizer), e se levantou, dizendo “com licença” para a esposa. Um instante depois, Bud se levantou e alcançou, com típica e escorregadia graciosidade, a porta antes do pai. “Depois *do senhor*”, Bud disse em tom pomposo ao segurar a porta, e o sr. Waite fez uma mesura formal e disse, “Obrigado, jovem”. Atravessaram o corredor juntos, e Natalie e a sra. Waite escutaram Bud anunciar, “Na verdade, estou indo nadar”.

O terror de ficar a sós com a mãe deixou Natalie quase emudecida; quando a mãe abriu a boca para falar (talvez para dizer “com licença”; talvez estivesse igualmente incomodada de ficar a sós com a filha), Natalie disse às pressas, “Agora eu estou ocupada”, e saiu com pouca dignidade pelas portas francesas atrás de sua cadeira e desceu os degraus até o jardim.

Não que realmente preferisse o jardim a vários outros cantos do mundo; preferiria, por exemplo, ter ficado sozinha no quarto com a porta trancada, ou sentada na grama à margem de um riacho à meia-noite, ou, se tivesse total liberdade de escolha, parada, imóvel, encostada numa coluna de um templo grego ou em uma carroça de condenados à guilhotina em Paris, ou em um enorme e solitário rochedo acima do mar, mas o jardim ficava mais perto, e o pai gostava de vê-la de manhã perambulando entre as rosas.

“E a sua idade?”, perguntou o detetive. “Profissão? Sexo?”

Era uma bela manhã, e o jardim parecia apreciá-la. A grama tinha se esforçado para estar excepcionalmente verde diante dos pés de Natalie, as rosas estavam pesadas e cheirosas e perfeitas para presentear muitos amantes, o céu estava azul e sereno, como se nunca tivesse visto uma lágrima. Natalie sorria às escondidas, mexendo os ombros rígidos sob a blusa branca fina, agradavelmente consciente de si a partir da linha reta dos ombros até os pés, de modo que parecia, recostada com os ombros apoiados na intangibilidade sólida do ar, uma coisa tênue, uma coisa graciosa, uma coisa de aço e sutil maciez. Respirava fundo, satisfeita.

“Você vai falar agora?”, o detetive insistiu, elevando um pouco a voz, embora a mantivesse sob mãos de ferro. “Você acha que sozinha

pode ficar contra a força da polícia, o poder e o peso da autoridade devidamente constituída, contra *mim*?”

Um adorável calafrio percorreu as costas de Natalie. “Talvez eu corra riscos em todos os instantes da minha vida”, disse ao detetive, “mas por dentro sou forte.”

“*Essa é a resposta?*”, questionou o detetive. “E se eu dissesse que você foi vista?”

Natalie levantou a cabeça, olhando com orgulho para o céu.

“A governanta”, anunciou o detetive, transformando a voz em um murmúrio cruel, cortante. “Ela testemunhou — veja bem, foi sob juramento, srta. Waite, sob juramento — que te viu entrar na casa pelo menos quinze minutos antes de seus gritos convocarem a casa inteira para o escritório, onde você estava de pé diante do corpo assassinado do seu amante. Pois então, srta. Waite, pois então?”

“Não tenho nada a declarar”, disse Natalie, praticamente incapaz de formar palavras.

“O que vai ser da sua história agora?”, o detetive continuou, sem misericórdia. “Srta. Waite, o que vai ser da sua gloriosa declaração de que estava sozinha no jardim?”

“Não tenho nada a declarar”, disse Natalie.

“Me diga, srta. Waite”, o detetive prosseguiu, implacável, o rosto mais próximo ao de Natalie, a voz suave e maldosa, “me diga, você põe em dúvida a palavra da governanta? Tem a audácia de dizer que ela está mentindo? Acredita que ela seja incapaz de estimar o tempo?”

“Dez horas, Natalie”, a sra. Waite avisou das portas francesas.

“Estou indo”, Natalie respondeu. Como quase sempre corria em vez de andar, ela galgou os degraus com um salto longo — como um cervo, pensou quando estava no ar — e passou pelas portas. “Cadê o meu caderno?”, perguntou à mãe ao passar, e não ficou para aguardar a resposta; o caderno estava na mesa da entrada, onde o deixara naquela manhã ao descer para o café. De caderno na mão, bateu à porta do escritório.

“Entra, minha querida”, disse o pai.

Ele levantou a cabeça, sorrindo para ela do outro lado da escrivaninha enquanto ela entrava. “Bom dia, Natalie”, disse em tom formal, e Natalie respondeu, “Bom dia, pai”. Compartilhavam da

ficção de que esses encontros iniciavam o dia de ambos, embora antes do encontro no escritório geralmente tomassem o café da manhã juntos e dali saíssem para suas ocupações matinais individuais: Natalie observava a manhã da janela de seu quarto e fazia anotações apressadas no bloquinho em cima da mesa, penteando o cabelo de modo que caísse despreocupadamente sobre os ombros, botando o medalhão secreto que sempre usava; o pai despertando, se olhando no espelho, fumando o primeiro cigarro do dia e, presumia-se, de algum modo se vestindo.

“Você parece estar revigorada esta manhã, minha querida”, comentou o sr. Waite, e Natalie lhe disse, solene, “Andei pensando muito hoje”, e ele assentiu.

“Claro”, ele comentou. “O sol brilha, você tem dezessete anos nas costas, as infinitas tristezas de crescer pesam em seus ombros — é *preciso* pensar.”

Às vezes, nessas manhãs no escritório, Natalie não sabia se deveria ou não rir das declarações do pai. Em geral era difícil saber se o comentário dele era uma piada porque ele tinha como norma de conduta não rir das próprias piadas, e, sendo ela a única plateia, só podia se fiar nas próprias reações. Dessa vez ficou séria, porque, embora o ar de expectativa do pai parecesse indicar que *era* uma piada, o destaque que dera ao fato de que tinha dezessete anos nas costas lhe causara uma súbita noção da enormidade do tempo: dezessete anos era bastante tempo para se estar viva, se levasse em conta a ideia de que dali a dezessete anos — ou o mesmo tempo que tinha desperdiçado sendo uma criança e uma menina, sendo tola e provavelmente brincando — ela teria trinta e quatro e seria velha. É possível que estivesse casada. Talvez — e a ideia era nauseante — insensatamente atormentada pelos próprios filhos. Desgastada e cansada. Ela se afastou dessa ideia pegajosa e desagradável usando o método habitual — imaginando a doce sensação lancinante de ser queimada viva — e se virou para o pai, ansiosa.

“Bom”, ele disse. Estava olhando a papelada sobre a escrivaninha. “Trouxe o seu caderno?”

Em silêncio, Natalie o empurrou por cima da mesa. Havia sempre esse momento de consternação, quando as palavras que tinha escrito

cruzavam sua mente sem piedade e a ideia de que o pai as leria a fazia hesitar com o desejo premente de se levantar, sair do escritório, ir para qualquer lugar. Então esse momento passou e ela disse ao lhe entregar o caderno, “Fiz ontem à noite. Depois que todo mundo foi se deitar”.

“Passou a noite em claro escrevendo de novo?”, o pai perguntou, satisfeito. Começou a virar as folhas devagar, saboreando-as.

“Fui dormir por volta das três”, disse Natalie. O pai se ressentia das pessoas que umedeciam o polegar ao ler, e usava tal vulgaridade como um símbolo de grande parte do público leitor, mas era provável que não se desse conta de que, ao virar as folhas do caderno de Natalie, ele umedecia um pouco os lábios com a língua, embora mantivesse os dedos longe da boca, como sempre.

“Esse aqui sempre foi um dos meus preferidos, Natalie”, ele afirmou, parando em uma folha. “Esse aqui sobre as árvores. ‘Enfileiradas contra o céu’ é bom, muito bom. E aquele sobre a sua mãe.” Ele riu e virou outra folha. “Espero que ela nunca veja”, ele disse, e ergueu os olhos para Natalie com um sorriso de criança.

“Ela nunca se interessou pelos meus cadernos”, Natalie disse.

“Eu sei”, disse o sr. Waite. “Tampouco se interessa pelos meus artigos.” Ele riu e prosseguiu, como se para compensar, “Eu jamais encontraria outra pessoa tão distante quanto a sua mãe, e tão prestativa”.

Dessa vez Natalie riu com convicção. Era uma declaração muito real a respeito de sua mãe.

“Pois bem”, disse o pai. Ele parou na entrada mais recente do caderno e, com uma hesitação deliberada, levantou os olhos para Natalie e sorriu, se virou para escolher um cigarro do maço em cima da escrivania e fez uma cerimônia elaborada ao acendê-lo. “Estou meio preocupado”, ele afirmou. “Não sei muito bem se ousou ler.”

“Foi a coisa mais difícil que já tive que fazer”, Natalie disse. O pai a olhou com uma careta rápida, e ela ponderou e disse, “Foi a coisa mais difícil que já fiz até hoje”.

“Todo cuidado é pouco”, disse o pai. Ele pôs as mãos nos ombros, cruzando os braços, e abaixou a cabeça em direção ao caderno.

Enquanto o pai lia, Natalie, já tendo superado o nervosismo inicial (depois que lhe entregava o caderno, todas as manhãs, o passo estava dado; era irrecuperável, e só restava aguardar que fosse devolvido),

examinou o escritório com um olhar renovado, como fazia todas as manhãs. Era um ambiente extremamente agradável. Os livros que ficavam à espera nas prateleiras do cômodo inteiro tinham o aspecto consumado dos livros que haviam sido lidos, mas não necessariamente pelo sr. Waite; a poltrona de couro ainda exibia as marcas do traseiro largo do sr. Waite, o cinzeiro ao lado já tinha sido tocado por cinzas naquela manhã. O cômodo estava usado, talvez mesmo desgastado, e não havia nele qualquer toque de abandono; era descontraído, como se nada pudesse surpreendê-lo depois de ficar aos cuidados da personalidade inquietante do sr. Waite.

“Que bom”, o sr. Waite afirmou de repente. Riu alto, e repetiu, “Que bom. Aqui, onde diz, ‘Parece estar perpetuamente surpreso porque o mundo nunca é tão inteligente quanto ele, mas ficaria ainda mais surpreso se descobrisse que talvez ele mesmo não seja tão inteligente quanto imagina’. Palavras demais, Natalie, e acho que você ficou inebriada pela primeira metade da frase e só acrescentou a segunda metade para que ela descesse do mesmo jeito que subiu. Isso poderia ser dito de forma mais organizada. Mas é acertada, muito acertada. E gosto disso: ‘Ele tem a reputação de ser muito generoso, embora não se saiba de nenhuma ocasião em que tenha dado alguma coisa aos *pobres*’. Você realmente se excedeu”. Ele se recostou e olhou para ela com mais alegria, como ela sabia que faria. “Estou muito contente”, declarou. Ele de novo se entregou à leitura, rindo vez por outra. “É claro”, ele disse passado um minuto, “que você se dá conta — na verdade, acredito que eu tenha lhe dito isso ao passar essa tarefa — que não posso me permitir contestar nada do que você escreveu aqui.”

Natalie disse, “Talvez eu tenha me aproveitado disso”.

Ele balançou a cabeça. “Sei que sim”, afirmou.

Voltou a ler, e Natalie percorreu o escritório com os olhos; o cadáver estaria ali, é claro, entre a estante de livros de demonologia e a janela, que tinha cortinas grossas que poderiam ser puxadas para cobrir qualquer obra nefasta. Ela seria encontrada à escrivaninha, a menos de um metro e meio do corpo, apoiando a mão no canto para se escorar, o rosto pálido e contorcido pelos gritos. Não conseguiria explicar o sangue nas mãos, na parte da frente do vestido, nos sapatos,